

## **DOM JOAQUIM ANTÔNIO DE ALMEIDA NUMA IGREJA DO SACRIFÍCIO: ULTRAMONTANISMO PIAUIENSE E OS EMBATES DO TEMPO / 1906 – 1912**

José de Jesus Redusino<sup>1</sup>

Rebuscar os ditames que conduziram as diretrizes da Igreja Católica ultramontana a partir da institucionalização da Diocese do Piauí, sob a liderança de seu bispo, Dom Joaquim Antônio de Almeida, bem como as diversas manifestações e movimentos de natureza contestatória, antirreligiosa e anticlerical, dando ênfase aos personagens destaque das contendas entre os ditos livres pensadores e os “correligionários” e fiéis defensores da instituição sacra, é um objetivo deste trabalho.

Consideramos alguns aspectos biográficos da vida de Dom Joaquim, como preponderante para a compreensão das querelas entre poder religioso e poder temporal, deveras manifestadas nos jornais maçons, liberais e de caráter republicano e os jornais católicos, especificamos aqui aquele criado pelo senhor bispo diocesano, *O Apóstolo*, em 1907. Bem sabemos que perscrutar jornais de época é escrutinar “picos de verdade” em consensos que provocam trincheiras de poder, viabilizados pelas linhas cruzadas de redatores que, socialmente inserem-se no meio do povo tornando o dito possível de crer sem ser questionado. Para Campos (2010, p. 30), “como símbolos do movimento ultramontano na Diocese de Mariana, os jornais buscavam trabalhar o mundo como texto, escrito, reescrito e organizável onde se almejava resgatar a visão de um mundo ideal através do quadro mental produzido pela ação romanizadora”.

Neste texto, analisamos o periódico *O Apóstolo* no contexto entre 1906 e 1912, em oposição aos jornais liberais e maçons, que transgrediam os valores morais, cristãos e dos bons costumes. Essas fontes nos apontarão o rumo a seguir e esmiuçando-as podemos identificar as diretrizes que conduziram a Igreja católica aos princípios ultramontanos. Para Áurea da Paz Pinheiro (2001), “a política ultramontana tinha por objetivo aumentar a influência católica através da instrução religiosa e reforço na disciplina do clero, com base em uma hierarquia e burocracia eclesiástica, controlada diretamente pela Sé Romana”.

A formação do bispado piauiense insere-se neste contexto bem como o papel desempenhado pelo seu primeiro bispo, Dom Joaquim Antônio de Almeida, percussor de

---

<sup>1</sup> Licenciado em História e Especialista em Educação, Pobreza e Desigualdade Social pela UFPI; Mestrando em História Pelo Programa de Pós-graduação em História do Brasil, da Universidade Federal do Piauí.

reformas eclesiais inovadoras que provocaram a “ira” dos antirreligiosos, anticlericais e os patrocinadores republicanos influenciados pelos valores iluministas franceses.

### **Um peregrino em terras mafrense**

No dia 11 de março de 1906 quando pisou em solo piauiense, Dom Joaquim Antônio de Almeida sentiu sob seus pés a terra mafrense, transpondo as fronteiras maranhenses, foi acolhido pelo povo que o aguardava sob a solicitude e carinho e, naquele momento, o povo do Piauí redigia uma das páginas mais significantes de sua história, dando ao peregrino as mais diversas credenciais para que este possa, a partir daquele momento sobressaltar os ânimos dos fiéis em cujas faces faziam brotar lágrimas enrijecidas pela longa espera que foi a consolidação do primeiro bispado.

Nascido aos dezessete de agosto de 1868, na localidade Goianinha, Estado do Rio Grande do Norte, filho de pais letrados, proprietários de terras canavieiras, teve nos mesmos a piedade católica familiar manifestadamente nas tradições e nos costumes religiosos ainda na tenra idade; fez os primeiros estudos em latim com o padre Idalino de Sousa, vigário da paróquia, pessoa próxima da família de Joaquim. Sua proximidade com a piedade e a benevolência, apareciam desde a infância,

Os elevados sentimentos que lhe brotavam do coração, evidenciados ainda na meiguice e na integral obediência às recomendações maternas, para não matar os passarinhos, não lhes roubar os filhotes, respeitar a candura dos ninhos, sensibilidade que o fazia um fiel no cumprimento dos elevados deveres da humanidade (NETO, 2016, p. 95).

Inicia seus estudos religiosos formais em 1885 ao ingressar no Colégio Diocesano, ao lado do Seminário pernambucano da cidade de Olinda, onde passa a cursar o ensino primário. Em 1889, é admitido no Seminário de Fortaleza, sob a tutela dos padres lazaristas, onde passa a frequentar o segundo ano de filosofia. Já em 1891, recebe as primeiras “ordens” religiosas, inicialmente a tonsura; em novembro de 1892, as “regras” menores; subdiaconato em novembro de 1893 e a ordem do Diaconato e finalmente a 2 de dezembro de 1894 é ordenado sacerdote sob as bênçãos de Dom Luiz Antônio Vieira, bispo da capital cearense. Não podemos deixar de mencionar na trajetória de vida de Dom Joaquim, a participação efetiva de seu “patrono

eclesiástico” (BARROS, 1988, p. 86) , Dom Adalto Miranda <sup>2</sup>bispo de da primeira diocese da Paraíba, atualmente, cidade de João Pessoa.

Em 1894, este, que era um dos preceptores de Joaquim, ao ser sagrado bispo da referida diocese, chama para fazer frente ao seu lado, o recém ordenado sacerdote, delegando ao mesmo, algumas cadeiras de professorado no seminário paraibano; este assumiu com rigor e presteza a incumbência que lhe fora dado, ministrando aos internos, conhecimentos de geografia, francês, escrituras sagradas, liturgia, teologia moral e canto gregoriano, mais tarde ainda acumulou as funções de diretor espiritual e reitor (1898).

Em 20 de agosto de 1896, foi nomeado cônego da catedral de Nossa Senhora das Neves, na Paraíba, passando a ser chamado comumente pelos seus pares e por seus “pupilos”, de “cônego Almeida”, traduzindo a amabilidade do trato com que os paraibanos assim o dedicavam.

Sempre atento aos ditames de seu tempo, sua formação fora regada a uma intensa espiritualidade e atividade missionária, algo inerente ao seu sacerdócio. Desde sua ordenação, já manifestava desejo de trabalhar em duas linhas de frente: a defesa da doutrina cristã da Igreja Católica e intensa formação dos novos clérigos. Ninguém duvidaria ao afirmar que Joaquim, sempre foi dedicado e zeloso com as coisas sagradas, “por esse conjunto de qualidades, alguém cunharia o pensamento de que o cônego Almeida fora, sem contestação, o plasmador do clero da Paraíba, de 1895 a 1906” (FAGUNDES, 2011, p. 49). A partir de 1904, agora como vigário geral da diocese, dedica-se inteiramente às visitas pastorais em todas as localidades onde estava situada a diocese da Paraíba e boa parte do Rio Grande do Norte.

O principal objetivo do pastor com as visitas era angariar recursos para a construção de um novo prédio onde seria instalado o seminário diocesano. Em outubro de 1905, recebe o “título de Monsenhor, Camareiro Secreto do SS. Pio X, assinado a 13 de maio de 1904”. Foi neste ano que com a mediação de Dom Adauto e, de muita relutância do monsenhor e reitor, Joaquim é nomeado bispo da, agora, Diocese do Piauí, sendo aquele que inaugurará um novo tempo na história da Igreja Católica no Estado piauiense.

Após momentos de extrema relutância com a designação, até ao ponto de solicitar quinze dias para que assim pudesse refletir sobre a imperiosa missão que lhe fora dedicada e ao fazer algumas “exigências”, recebe a carta designatória e, portanto, naquele momento não

---

<sup>2</sup> Nascido em terras do município de Areia (PB), (hoje localizadas no município de Alagoa Grande), Dom Adauto ordenou-se em Roma. Foi o primeiro bispo e arcebispo da Paraíba, cuja Arquidiocese dirigiu com mão de ferro, notabilizando-se pelas pastorais em que condenava o liberalismo, ateísmo, socialismo, maçonaria, comunismo, emancipação da mulher e o relaxamento de costumes trazido pelo urbanismo e a industrialização.

poderia mais recusar à nomeação de Roma. No dia 04 de fevereiro de 1906 é sagrado bispo da Diocese do Piauí sob a presidência do Núncio Apostólico, Dom Giulio Tont<sup>3</sup>, ato realizado na catedral da Paraíba.

Depois de uma espera de 80 anos, os piauienses agora podem deitar sob o “berço” apaziguador e missionário de um pastor, autoridade eclesiástica que representa o catolicismo e o dispõe aos seus fiéis que devem permanecer sob a tradição secular que permanece intocável, ditada pelas letras do Código Canônico em vigo naquela época que destina aos seus seguidores aquele que representa os apóstolos, agora, permanecendo e habitando entre o povo piauiense: “Os bispos que, por divina instituição, sucedem aos apóstolos, são constituídos, pelo Espírito que lhes foi conferido, pastores na Igreja, afim de serem também eles mestres da doutrina, sacerdotes do culto sagrado e ministros do governo<sup>4</sup>”.

Percebemos como a figura hierárquica na Igreja Católica representava a “voz autorizada de Deus (CAMPOS, 2010, p. 56) e todas as suas considerações são expressão da verdade revelada pelo próprio Cristo”, aliado a isto temos os instrumentos simbólicos que traduzem a afirmação e a aceitação das doutrinas além da palavra que se torna autorização para os feitos do pastor determinado por um local específico, a Igreja-templo que recebe total e passivamente as diretrizes do Senhor, e o convencimento de que tudo depende da causa última que é Deus, causa máxima que deve orientar todos no mesmo caminho, sejam os fiéis ou os clérigos, estes últimos devem primar pela disseminação das palavras do pastor, aquele que guia, que conduz sua messe rumo aos pilares mais altos da escadaria da salvação.

Para Wernet (1987), “a religião pode atuar em vários sentidos, seja apegando-se a formas sociais passadas, para domesticar os oprimidos e legitimar a dominação dos donos do poder, seja para comprometer, conscientizar e libertar (WERNET, 1987, p. 24). Em Gramsci, religião quer dizer três coisas:

1. uma crença numa divindade transcendente; 2. Uma ideologia, isto é, uma «unidade de fé entre uma concepção de mundo e uma norma de conduta consequente», ou seja, também uma política; 3. A expressão mais clássica do senso comum, isto é, uma filosofia espontânea e, portanto, desagregada, incoerente, não dialética, irracional (GRAMSCI, 1975, p. 1045).

---

<sup>3</sup> Foi então núncio apostólico no Brasil, em 1902, e em Portugal, de 1906 a 25 de outubro de 1910, quando teve que retornar a Roma para a revolução portuguesa

<sup>4</sup> Can. 375, § 1

“A filosofia dos ‘não-filósofos’, concepção do mundo absorvida acriticamente pelos diversos ambientes sociais nos quais desenvolve-se a individualidade do homem-médio<sup>6</sup>”. Dentro de um sistema de sistematização, podemos perceber a importância que, a superestrutura cultural, apresenta-se diante do pensamento de Gramsci, “como elemento de transformação da realidade pode perceber que estamos diante de uma reflexão intelectual que reduz a religião a mero “ópio dos povos”, o que faz da análise gramsciana do fenômeno religioso um tema tanto debatido quanto intrigante”.

Não nos convém, neste artigo discutir as ideias gramscianas, visto que não é o nosso objetivo, mas, apenas tornar o conceito de religião, não apenas tendo um caráter estritamente transcendente, mas situá-lo como revestido de uma realidade social de dominação e poder político, aqui permeado intrinsecamente pela relação entre Igreja e Estado através do sistema de padroado.

Para Kátia Mattoso, “parece perfeitamente possível dar, à ação espiritual e temporal da Igreja Católica, uma interpretação mais positiva e menos culpada. As obras recentes, com efeito deixam de inserir a evolução da instituição em uma tripla perspectiva” (MATTOSO, 1998, p. 298). Mattoso, relaciona o fato de que, no contexto histórico, esta Igreja estava vinculada ao Estado, este subordinando-a a certas “coações”, que convergiam ou não para recusas e/ou aceitações, dependendo das benesses que interessava a cada um; algumas ações de descontentamento de grupos eclesiásticos, lógico, levaram ao fim do padroado, mas os tornou-se atemporal na medida em que os acontecimentos estabelecidos cronologicamente, os discursos permanecem fora do tempo.

Uma segunda perspectiva, está na posição e postura da Igreja em relação aos seus fiéis, defensores da instituição que deveria defendê-los, o que colocam em evidência dois lados distintos, dominados e dominadores, opressores e oprimidos, brancos e negros, livres e escravos, permanentemente em conflitos.

E por último, temos a postura da instituição sacra diante das novas religiões, consideradas, de minorias, o animismo, islamismo, protestantismo, bem como das modernas filosofias que prosperaram na segunda metade do século XVIII e proliferaram-se no decorrer do século XIX. Todas estas nuances desembocaram em conflitos “rancorosos” que colocaram de um lado o poder espiritual e o poder secular. Estas formas de pensar, adquiriram corpo, sobretudo na segunda metade do século XIX, tendo como matizes todas as proposições que

---

<sup>6</sup> Sciarretta, de Massimo. Gramsci, o liberacionismo e a potência política da religião. Encontros com a filosofia. [http://en-fil.net/ed6/conteudo/archives/Gramsci%20e%20a%20potencia%20politica\\_Massimo.pdf](http://en-fil.net/ed6/conteudo/archives/Gramsci%20e%20a%20potencia%20politica_Massimo.pdf)

foram usadas como “desculpas” para se propor uma “intervenção<sup>7</sup>” pela República.

A postura dos “novos reformadores<sup>8</sup>”, diante das investidas daqueles impositores que deflagravam contra a Igreja “insultos descrentes<sup>9</sup>” ou manifestavam tendências que contrariavam os princípios ultramontanos<sup>10</sup>, foram sentidas de imediato, o que fez com que houvesse de ambos os lados o surgimento de “táticas<sup>11</sup>”, formadas pela “guerra” de informações, que colocou em lados opostos clericais e anticlericais<sup>12</sup> nas diferentes dioceses do Brasil, entre estas, destacamos aqui a do Piauí.

### **A Diocese do Piauí e os dilemas entre os “infames” e um resignado bispo**

Na edição nº 11, do dia 28 de julho de 1907, o jornal O Apóstolo, trazia nas suas linhas, na página 2, uma matéria publicada com o título “*É muito!*”, uma designação retórica de como, naquele momento, o bispo da Diocese do Piauí, Dom Joaquim Antônio de Almeida, estava sendo “vilipendiado” por redatores de outro jornal,

O público tem visto a forma paciente, resignada, com que havemos suportado os doentes e insultos atirados pelos irrequietos inimigos da sociedade, dos bons costumes e de Deus, contra o nosso venerando Bispo e os seus mais caros auxiliares. "Quando no meio dos vilipêndios, vinha uma acusação que, de qualquer modo, pudesse fazer desmerecer o conceito em que é tido esse pastor que é um modelo de virtudes, nós a rebatíamos com o interesse que ligamos às cousas dignas e sagradas; mas diante do sujo, do imoral, como proceder um jornal como o nosso, que prefere desaparecer a atolar-se nos charcos da imundice e da podridão? (O APOSTOLO, ANO I, ed. 11, p. 2).

As palavras do redator do jornal, inferem certa “discórdia” em relação “àqueles” que transgrediam os valores cristãos, da família e dos bons costumes, insultava seu prelado e seus sacerdotes, mas traziam no seu bojo a tradição reformista de uso da imprensa.

Este foi um dos momentos em que se configurou de forma bem explícita, as querelas entre clericais e anticlericais, neste caso, representada pelo bispo da Diocese do Piauí, seus auxiliares e os chamados livres pensadores, exercido, sobretudo pelos redatores dos jornais

---

<sup>7</sup> Segundo José Murilo de Carvalho, é possível afirmar que a proclamação da República foi obra quase totalmente dos militares, o que caracteriza o seu caráter intervencionista.

<sup>8</sup> QUEIROZ, 2017, p. 196.

<sup>9</sup> O termo é usado como achincalhamento, para descrever como as palavras eram ditas nos jornais de ambos os lados, Igreja e Livres pensadores

<sup>10</sup> O ultramontanismo foi um movimento de origem religiosa que no Brasil ganhou destaque a partir da segunda metade do século XIX.

<sup>11</sup> Exposto brilhantemente por Michel de Certeau na sua obra “Invenção do Cotidiano: artes de fazer”, de 2007.

<sup>12</sup> A professora Áurea da Paz Pinheiro, usa desta nomenclatura para designar aqueles que faziam parte integrante da Igreja como seus fiéis defensores e os que combatiam seus preceitos e seus dogmas

liberais, maçons e anticlericais, a saber, a *Gazeta, o Monitor, a República*<sup>13</sup>, capitaneados por membros distintos da sociedade, com seus atributos intelectuais, subjugados pelo limiar do iluminismo e das novas ideias de origem francesas; entre estes, os mais acirrados e mais ácidos nos seus discursos anticatólico, antirreligioso, anticlerical, podemos citar, Abdias Neves, Clodoaldo Freitas, Higino Cunha<sup>14</sup> e, claro, Miguel Rosa<sup>15</sup>, personagem que marcou a contenda principal com Dom Joaquim Antônio de Almeida, repudiado veementemente pelos seus fiéis defensores e esboçado nas linhas do hebdomadário, *O Apóstolo*,

Desafiamos ao gratuito inimigo de D. Joaquim para que prove com dados verídicos sua caluniosa, malévola e inconsciente asserção. Se é capaz, diga- nos que bens esbanjou o Sr. Bispo? Quando? Com qual dos seus irmãos? Se o não provar com documentos, não passará de um vil caluniador e então será mais um aleive acrescentado aos muitos com que o bacharel tem procurado manchar a reputação do clero em geral, mormente a do Exmo. D. Joaquim, sem que essa pena imposta pela opinião pública o livre de ser, mais logo, arrastado a um tribunal de justiça, para ver que se não calunia impunemente a um homem limpo como é o venerando chefe da Igreja piauiense. Demos tempo ao tempo, dr. (O APÓSTOLO, ano I, ed. 13, p. 3).

Devemos lembrar que, as discórdias entre líderes ultramontanos e adeptos da crítica anticlerical no Piauí, “eclodiram de uma fervente polêmica de ideias entre dois grupos conflitantes – os dos católicos, ultramontanos ou não, e os dos livres-pensadores-, já se anunciava desde o início da década de 1880, quando apareceram as primeiras discussões desse teor na imprensa teresinense, o que nos leva a pensar que, tais fatos não são alheios ao seu tempo, mas constituem-se “permanências” que acabam por criar rastilhos de perturbações sociais, levando à determinadas “rupturas”<sup>16</sup>”.

Para Queiroz, “O anticlericalismo só é compreensível, no período, em vista de tendência mais ampla e mais geral de secularização do mundo moderno. O que está em questão são processos de modificação social e cultural de longa duração e profundidade” (QUEIROZ,

---

<sup>13</sup>O *Gazeta* foi um jornal piauiense que surgiu em 10 de dezembro de 1904 durante o Governo de Álvaro de Assis de Osório Mendes e na primeira fase permaneceu circulando até 1915. Para um maior aprofundamento sobre os jornais citados, recomendamos a leitura de QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. Os literatos e a República: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e a tiranias do tempo. 3ª Ed. Teresina: EDUFPI, 2011.p. 259.

<sup>14</sup>Teresinha Queiroz, na sua obra, “Os Literatos e a República, Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo”, explana o pensamento dos chamados livres pensadores que, nas primeiras décadas do período republicano foram os pilares das contendas contra a Igreja instalada em terras piauienses.

<sup>15</sup>Miguel de Paiva Rosa nasceu Teresina no dia 15 de dezembro de 1876, filho de João Augusto Rosa e de Júlia Emília de Paiva Rosa. Ingressou na Faculdade de Direito do Recife em 1896 e concluiu o curso em 1898. Depois de formado regressou ao Piauí e foi nomeado juiz distrital de Jurema e, logo em seguida, de União. Em 1900 tornou-se juiz distrital de Teresina. Em 1904, no governo de Álvaro de Assis Osório Mendes (1904-1907), foi nomeado diretor de Instrução Pública. No campo jornalístico, fundou o jornal *A Pátria*, ao lado de Abdias da Costa Neves e de Antonino Freire da Silva, e dirigiu o *Almanaque Piauiense*. Também colaborou com os periódicos *O Reator*, *Murmúrio*, *O Piauí*, *O Monitor*, *O Norte*, *A Luz*, *A Notícia*, *Jornal de Notícias* e *O Combate*.

<sup>16</sup>Analisados aqui sobre um eixo temporal: um não existe sem o outro.

2011, p. 249), o que evidencia que as proposituras empregadas para um estudo mais efetivo destes fenômenos, somente podem ser apreciados pelo cerne da religião institucionalizada através da crença, das manifestações religiosas, das contradições entre o ensino religioso laico e o confessional bem como das diversas práticas religiosas praticadas durante a criação da Diocese do Piauí e suas subordinações ao bispo.

Parece evidente que as manifestações anticlericais estavam subordinadas aos hábitos e costumes dos clérigos que se apresentavam en vaidados pelas coisas mundanas, embebedos pelos prazeres carnavais, sem escrúpulos e totalmente “refêns” de suas próprias atitudes que não condiziam nem um pouco com todas as prerrogativas pregadas pela Igreja. Era comum, os comentários, as fofocas, os burburinhos das pessoas sobre aquele ou outro padre que tinha filhos ou amantes e que suas ações não correspondiam ao exigido para um homem “santo”.

Este, foi sem dúvida, um dos maiores desafios encontrados por Dom Joaquim, que ao assumir a Diocese, impôs um estilo modernizador, sobretudo na formação dos pretensos candidatos ao sacerdócio. Uma de suas primeiras ações, a partir de 1906, foi a criação dos colégios Sagrado Coração de Jesus, que foi entregue sob a responsabilidade das Irmãs de Santa Catarina de Sena, exclusivamente dedicado à formação das meninas; anunciado no jornal, *O Apóstolo*, ganhou notoriedade, ficando conhecido popularmente como, Colégio das Irmãs,

Sob a direção das virtuosas educadoras, as Irmãs de Santa Catharina, foi aberto esse colégio no começo do ano, em casa particular; e passando depois a funcionar temporariamente, na chácara Tabajara, gentilmente cedida pelo Revmo. Conego Joaquim Lopes, acha-se hoje instalado em prédio próprio na avenida Frei Serafim. Posto que o prédio não esteja acabado, contudo a parte feita é uma confortável e higiênica residência que acomoda grande número de alunas. É-nos grato registrar esta notícia, porque os colégios católicos, quer de um, quer de outro sexo, tem dado, em todos os tempos, os melhores resultados; pois ali só se recebe a ciência aliada à virtude, e se despertam no coração dos educandos, os nobres sentimentos do amor a Deus, ao próximo, à religião e à pátria. Congratulamo-nos com S. Excia. Revdma. o Sr. Bispo Diocesano por mais este melhoramento em sua vasta diocese (O APÓSTOLO. Ano I. Ed. 1, p. 2).

Não menos importante, foi a constituição do Colégio e do Seminário Diocesano, iniciativas como estas, acenderam o rasilho de pólvora e desembocaram na fervente polêmicas entre clérigos e livres pensadores, ademais as ações da Igreja e do Sr. Bispo, incomodavam. E mais uma vez, a retórica do hebdomadário se fazia presente,

[...] O Seminário, a primeira pedra que lançou no grande edifício, floresce hoje já separado do Colégio Diocesano, como um abrigo da paz, onde a mocidade estudiosa aprende no sofrimento voluntário, na renúncia dos bens mundanos, todo o segredo desta vida, que é a continuação do apostolado de Jesus na terra. E a espera seu zelo

dilatou-se até as fronteiras do norte de sua Diocese, já percorrido om visita pastoral (O APÓSTOLO. 1997, ed. 1, p. 3).

Não podemos nos furtar de citar que, além das ações de cunho educativo, promovidas por Dom Joaquim, uma das maiores ações encontrava-se no apostolado do pastor e de sua messe, ao introduzir na Diocese, a disseminação do catolicismo através da imprensa, eis, então que surge, o jornal *O Apóstolo*, órgão de divulgação das ações católicas da Diocese no Piauí. Não é novidade que estes empreendimentos, intensificaram as “angústias” dos anticlericais. A propagação e a disseminação das ideias ultramontanas emergiam e cresciam a cada passo dado pelo senhor Bispo o que não acalentava os egos destes; a crença nos milagres, o culto às imagens, as promessas aos santos, as diversas romarias, as incessantes investidas em favor dos bons costumes e da moral cristã, acendiam cada vez mais a insatisfação dos anticlericais.

Destaque aqui, para Abdias Neves<sup>17</sup>, que se tornou um fiel combatente destas “doutrinas” que “colonizavam” o povo piauiense e colocavam em perigo as reminiscências do iluminismo e das novas ideias propagadas pela República. Assim, apareciam dois lados distintos, aqueles intelectuais que apareciam como os promotores de uma nova ordem liberal, que lutavam contra os preceitos do catolicismo e acreditavam que este era um sinal de atraso das novas transformações que emergiam e de outro, a Igreja piauiense, tendo à frente o Excelentíssimo Bispo, Dom Joaquim, que através dos preceitos ultramontanos, instituía a doutrina de salvação pela fé e pela sacralidade da instituição.

As iniciativas modernistas do Bispo Joaquim, não se deram apenas no campo educativo e apostólico, mas disseminaram-se através da criação de novas paróquias, seja na capital ou no interior e a criação de Associações ou irmandades religiosas, entre elas, a do Sagrado Coração de Jesus e de Maria além da Sociedade de São Vicente de Paulo, fiéis escudeiras do senhor bispo, que sintonizados com os fiéis, passaram a ter responsabilidade de arrebatar novos adeptos cristãos capazes de unificar o discurso católico,

---

<sup>17</sup>Abdias da Costa Neves nasceu em Teresina no dia 19 de novembro de 1876, filho de João da Costa Neves e de Delfina Maria de Oliveira Neves. Em 1893, com apenas 17 anos de idade, começou a trabalhar no jornal A Ideia, vindo a tornar-se seu redator principal. Ingressou no ano seguinte na Faculdade de Direito do Recife, graduando-se em 1898. Durante o curso trabalhou no Jornal do Recife como revisor. Retornando ao Piauí, em 1900 tornou-se juiz interino na cidade de Piracuruca por dois anos. Em seguida, exerceu o cargo de juiz substituto federal entre os anos de 1902 e 1914. Nesse período, realizou uma viagem de estudos a Santa Catarina, em 1906, tendo como objeto de investigação a imigração alemã para aquele estado. Foi professor da Escola Normal e do Liceu Piauiense, em Teresina, lecionando, neste último, inglês, lógica e alemão.

Inauguração do Conselho Central de S. Vicente de Paulo Registramos, com muito prazer, em nossas colunas, a festa brilhante que no Domingo da pentecostes fez a Sociedade de São Vicente inaugurando em sessão com assistência do Exmo. Sr. Bispo Diocesano, do Vigário Geral, do Clero, de muitas pessoas gradas, o “Conselho Central de Teresina”. Falta-nos espaço para dizer o que foi ela no seu sonho real, certo, porém, os que lá foram ficaram edificadas e bem podem avaliar pela leitura que fez do seu importe e minucioso relatório, o Major Manoel Lopes Correia Lima (O APÓSTOLO. Ano I, ed. 2, p. 3).

No entanto, embora todas as ações católicas, reivindicasse para si as benesses dos resultados, algumas reações divergentes de setores da sociedade eram visíveis em relação aos atos da Igreja Católica e, não podemos negar que as “polêmicas anticlericais em Teresina, envolvendo de forma direta ou indireta quase todos os jornais da cidade, sempre com ampla repercussão e muita especulação em torno dos principais personagens envolvidos, alimentavam as discussões” (QUEIROZ, 2011, p. 262).

Os jornais tornaram-se campo de querelas, seja de forma política como pessoal; atribuía-se falsamente a alguém uma determinada autoria redacional prevalecendo sempre desmentidos públicos dos envolvidos nos casos, a ridicularização e a acidez das palavras, tornaram-se frequentes, alimentados, também pelas intrigas e fofocas jornalísticas que rodeavam todos os personagens. As matérias publicadas nos jornais frisavam desde “agressões” morais até um anúncio de protesto contra as palavras, geralmente proferidas por redatores anônimos. Um caso bem específico, está pautado na edição nº 47 do jornal *O Apóstolo* do dia 12 de abril de 1908, em que os fiéis católicos de Parnaíba vieram a público, através do hebdomadário, numa nota denominada *Protesto*, fazer a defesa do Bispo em detrimento dos pasquins,

Nós, católicos, atualmente residentes em Parnaíba, conhecedores dos pasquins aleivosos, distribuídos ultimamente nossa cidade, contra a veneranda pessoa do Exmo. Sr. Bispo Diocesano, D. Joaquim Antônio de Almeida, protestamos contra as injúrias neles contidas, e vimos manifestar ao mesmo Exmo. Sr. Bispo, nossos sentimentos de respeito o acatamento, podendo contar conosco ao seu lado em todo tempo e em qualquer emergência. Parnaíba, 9 de março de 1908. Francisco Seixas, Joaquim Antônio Gomes Almeida, Luiz Antônio do Moraes Correia, Francisco Severiano de Moraes Correia, Antônio do Monte, Arthur Silva, Elpidio Moreira, Simplício Menezes, Firmino Sampaio, Fenelon Lima. Padre Fernando, Padre Menezes, padre Lopes (O APÓSTOLO. Ano II, ed. 47, p. 2).

Os defensores da moral, da religião e dos bons costumes apressavam-se para fazer a defesa do Sr. Bispo contra os ataques dos “apologistas das inverdades<sup>18</sup>” que assonavam o povo

---

<sup>18</sup>O termo é cunhado num texto do Jornal *O Apóstolo* intitulado “*Acerca das Doutrinas Modernistas, PIO X - PAPA*”, que abre a edição na edição nº 87, ano II, do dia 07 de fevereiro de 1909.

a ir contra todos os valores, as doutrinas, as crenças, as ideologias propagadas pela Igreja Católica. As contestações dos anticlericais estavam sustentadas em bases ideológicas em que, o advento da República incorporou nos fundamentos da lei a laicidade do estado com o fim do padroado, portanto, o papel da Igreja era apenas de coadjutora do processo não se atribuindo a ela o papel de disseminadora dos valores doutrinários da religião católica, visto que tais preceitos estavam incorporados no sistema imperial.

A instituição sacra, era acusada de carregar consigo os antigos valores de um regime que desfaleceu, tornou-se moribundo, tais fundamentos poriam em risco o “progresso”, os valores da liberdade religiosa e de pensamento, dos ideais liberais, do ensino laico, portanto, não havia mais espaço para a intolerância capitaneada pela inquisição, para o fanatismo, sendo um obstáculo à ciência e a todos os princípios republicanos revestidos dos ideais iluministas franceses. Nota-se, por parte das autoridades republicanas devidamente constituídas, tendo como fiéis escudeiros, os redatores dos jornais oficiais, uma intensa divulgação dos princípios republicanos como a mais “evolutiva” das formas de governo.

O jornal *Diário do Piauí*, Órgão Oficial dos Poderes do Estado, datado do dia 24 de fevereiro de 1911, demonstrava enfaticamente o que era a República Oficial, representada pelo governo e fazia o patrocínio desta, tomando para si a benesses do movimento,

#### **24 DE FEVEREIRO**

A data de hoje relembra mais um aniversário da Constituição Federal. Para todos os brasileiros deve ser uma data cheia das mais caras recordações, porque comemora a integração completa de nossa evolução política, adotando como forma de governo, a República Federativa, gloriosa conquista dos povos modernos e cujos frutos em nosso país tem sido compensador do esforço tenaz por nós empregado para conquista-la. Obra de muitas gerações de brasileiros ilustres, a República tem sido entre nós o que todos esperávamos que ela fosse: a única forma de governo capaz de satisfazer as nossas aspirações e compatível com os progressos e tendência da livre América (DIÁRIO DO PIAUHY: Órgão Oficial dos Poderes do Estado. Ano I. ed. 1, p. 1).

Os ideais republicanos, fundamentados nos princípios liberais, estavam bem presentes nas publicações dos jornais; a literatura oficial se fazia presente, formatando e consolidando o Sistema. Para o Professor William Gaia Farias (2009),

Os jornais, além de meios de comunicação capazes de informar eventos, promover transformações, divulgar notícias, também são construtores de relações sociais, divulgadores de propostas políticas e discursos. Os jornais são espaços de manifestações de valores de grupos sociais e partidos políticos ao mesmo tempo em que são tribunais que conjugam julgamentos de jornalistas, divulgadores no sentido gramsciano do termo. A linguagem do poder, permeada de ideologias, também está presente nos jornais, uma vez que conceitos, normas e padrões dominantes apresentam-se no sentido de reforçar e tornar consensual o conjunto das leis

instituídas. O jornal, ou melhor, os discursos neles veiculados, atendem a função de apresentar como dominantes os valores de grupos dominantes (FARIAS, 2009, p. 572).

As relações entre a população e as instituições apresentava intrínsecas vinculações de forma bem estreita, o que possibilitava o estabelecimento de formas de convencimento através da retórica contida nos escritos dos redatores dos jornais o que era feito de forma bem acintosa e enfática, estabelecendo-se domínios de poder. O jornal o Apóstolo era um dos hebdomadários que fazia das palavras escritas, formas bem diretas de divulgar e propagar os valores ultramontanos do catolicismo,

#### **IMPrensa CATHÓLICA**

A imprensa católica representa atualmente a grandeza moral dos povos. Ela é o depósito dos grandes acontecimentos, a fortaleza da verdade, a oficina do bem, o escudo da justiça, o Atila terrível do erro, o farol das grandes empresas, amiga das boas resoluções, o arrimo dos fracos, os sustentáculos dos fortes, a estrela salvadora da humanidade, o rochedo indestrutível onde se quebram as ondas furiosas da impiedade raivosa ignorante e atrevida (O APÓSTOLO. Ano I. ed. 1, p. 4).

Os escritos nos jornais marcavam territórios, determinavam espaços de poder, eram campos de batalhas retóricas que convergiam, algumas vezes para ofensas, espezinhavam e desmoralizavam os adversários publicamente, embora muitos dos artigos publicados não apresentassem assinaturas ou tinham pseudônimos. A linha editorial era marcada pelos interesses daqueles que comandavam os jornais; alguns artigos ou editoriais eram alimentados pelas intrigas e fofocas, geralmente eram contestados em outro escrito de outro jornal.

O jornal *O Apóstolo*, através de seus redatores, tornou-se um dos principais meios de contestação de matérias publicadas em outros jornais, sobretudo de cunho maçom, estes insultavam os valores cristãos do bem, da moral e dos bons costumes. As diversas publicações de cunho maçônico, travestiam-se de investidas contra a Igreja e diretamente em oposição aos ditames ultramontanos, o que sempre provocava respostas acirradas contra todos que contrariasse o catolicismo e a autoridade da Igreja,

#### **A MAÇONARIA SOB O ASPECTO RELIGIOSO**

Eis o que jorra o vaso dos subterrâneos receptáculos do maçonismo! E como esta, uma torrente de outras diatribes e insultos grosseiros a escorrerem todos os dias pelas vastas colunas do "Jornal do Comercio, do Correio do Brasil, e outros papeis da corte. Nunca gemeram os prelos da terra de Santa Cruz abarrotados com tanta impiedade! E era a mão convulsa da maçonaria que os movia! Foi a maçonaria que reunida no 'fórum tumultuoso do Grande Oriente resolveu romper nesta luta desesperada contra a Igreja (O APÓSTOLO. Ano II, ed. 87, p. 3).

Podemos perceber como as contendas entre clericais e anticlericais, estavam centradas

em três aspectos: as diversas ações implementadas pela Igreja através de seu bispo, Dom Joaquim, provocando certas inquietações e descontentamentos junto aos livres pensadores; os diversos grupos de intelectuais acreditavam que estas ações poriam em risco os valores republicanos, subsidiados pelo liberalismo, pelo ensino laico, pela liberdade religiosa e pela não intromissão da Igreja nas questões políticas e por fim, as guerras ideológicas que apareciam nas querelas entre os intelectuais de denominação maçônica, entre eles, Miguel Rosa.

## REFERÊNCIAS

BARROS, Sérgio Miceli Pessôa de. **A Elite Eclesiástica Brasileira (1890-1930)**. Campinas: editora Bertrand Brasil 1988. p.86.

CAMPOS, Germano Moreira. **Ultramontanismo na Diocese de Mariana: o governo de Dom Antonio Ferreira Viçoso (1844-1875)**. Dissertação de Mestrado. Instituto de Ciências Humanas e Sociais, – Universidade Federal de Ouro Preto. Mariana, 2010. p. 30.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: 1, Artes de fazer**. 13 ed, Petrópolis: Vozes, 2007.

**Código de Direito Canônico**. Livro II. Cap. II, Cann. 375, § 1

*Diário do Piauí*: Órgão Oficial dos Poderes do Estado. Ano I. Teresina, 24 de fevereiro de 1911, nº 1, p.1.

FAGUNDES, Antônio. **Vida e apostolado do dom Joaquim Antônio de Almeida**. Natal: Sebo vermelho. Edições, 2011, p. 49.

FARIAS, William Gaia. **Em nome da República**: imprensa, eleições e deportações no Pará republicano. Congresso Internacional de História, 09 a 11 de setembro de 2009. <http://www.pph.uem.br/cih/anais/trabalhos/572>

GRAMSCI, Antônio. **Quaderni del carcere**. Edizione critica dell'Istituto Gramsci a cura di Valentino Gerratana. Turim: Einaudi. p. 1045.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: Contribuição à semântica dos tempos históricos. Tradução, Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira; revisão César Benjamin. Rio de Janeiro: Contraponto - Ed. PUC-Rio, 2006.

MATTOSO, Kátia M. de Queirós. **Bahia, século XIX, uma província no império**. Rio de Janeiro. Editora Nova Fronteira, 1992, p. 298.

NETO, Antônio Fonseca; LIBÓRIO, Paulo. **Joaquim**. Teresina: Nova Aliança editora, 2016, p. 95.

*O Apóstolo*. Ano I. Teresina, 11 de agosto de 1907. Nº 13, p. 3.

*O Apóstolo*. Ano I. Teresina, 12 de abril de 1908. Nº 47, p.2 *O Apóstolo*. Ano I. Teresina, 19 de maio de 1907. nº 1, p.2 *O Apóstolo*. Ano I. Teresina, 19 de maio de 1907. nº 1, p. 3.

*O Apóstolo*. Ano I. Teresina, 19 de maio de 1907. Nº 1, p.4.

*O Apóstolo*. Ano I. Teresina, 26 de maio de 1907. nº 2, p.3.

*O Apóstolo*. Ano I. Teresina, 28 de julho de 1907. Nº 11, p.2.

*O Apóstolo*. Teresina, 7 de fevereiro de 1909. Ano II, nº 87, p.3.

PINHEIRO, Áurea da Paz. **As ciladas do inimigo**: as tensões entre clericais e anticlericais no Piauí nas duas primeiras décadas do século XX. Teresina. Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2001.

\_\_\_\_\_. **As tensões entre clericais e anticlericais no Piauí no início do século XX**. Dissertação. 1999, 154f. (Mestrado em História Social do Trabalho). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 1999.

QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. **Os literatos e a República**: Clodoaldo Freitas, Hígino Cunha e a tiranias do tempo. 3ª Ed. Teresina: Edufpi, 2011, p. 259.

\_\_\_\_\_; SILVA, Ronyere Ferreira da. **Literatos, política e atuação profissional em Teresina no início do século XX**. *Intellèctus*. Ano XVI, n. 2, 2017, p. 196.

SCIARRETTA, de Massimo. **Gramsci, o liberacionismo e a potência política da religião**. Encontros com a filosofia. [http://enfil.net/ed6/conteudo/archives/Gramsci%20e%20a%20potencia%20politica\\_Massimo.pdf](http://enfil.net/ed6/conteudo/archives/Gramsci%20e%20a%20potencia%20politica_Massimo.pdf)

WERNET, Augustin. **A Igreja paulista no século XIX**: a reforma de Dom Antônio Joaquim de Melo (1851-1861). São Paulo. Editora Ática, 1987, p. 4.